



Vivemos num tempo de diversidades – de saberes, de línguas, de modos de habitar o mundo. A pluralidade não é uma ameaça: é uma riqueza. No entanto, persistem os impulsos de 'assimilação forçada', de 'hierarquização cultural', da ideia de que há uma cultura certa e várias erradas. Quando queremos impor uma única forma de ser e apagar as outras, não estamos a promover a coesão, estamos a exercer violência simbólica.

E o que morre com uma cultura não são apenas os sinais exteriores, 'o folclore', morre uma forma inteira de compreender e agir no mundo.

Outro exemplo é o da saúde mental. Durante décadas, e ainda hoje, diagnósticos foram e são usados não apenas como instrumentos de cuidado, mas como mecanismos de controlo social. Quando um diagnóstico produz efeitos sociais, fixa uma identidade, reduz uma pessoa à sua condição e silencia a sua voz, deixa de ser terapêutico para se tornar opressivo. A negação da liberdade de ser mais do que um rótulo é, em si mesma, geradora de sofrimento. Não há saúde mental onde não há autodeterminação, narrativa própria e possibilidade de recusar o lugar imposto.

Na vida pública, o problema adensa-se, como temos visto na comunicação social. Quando se começa a discutir se "a vida era melhor antes ou depois" de um momento fundador da democracia como a Revolução de 25 de Abril. Isto não é apenas um exercício de memória. Estamos a abrir espaço à banalização da perda de direitos. E quando essa discussão evolui para tentativas de apagar, relativizar ou reescrever a história, entramos num território onde a liberdade deixa de ser garantida e passa a ser condicional.

E é assim, de forma lenta, que a liberdade se vai desvanecendo. Primeiro, normalizam-se discursos que desvalorizam direitos. Depois, questiona-se a sua necessidade. Por fim, substituem-se por outras prioridades – segurança, identidade, tradição – apresentadas como mais urgentes e emergenciais. É assim que as democracias se fragilizam a partir de dentro.

Há ainda uma dimensão frequentemente negligenciada que não posso deixar de referir: a relação com a natureza. Durante muito tempo, construímos a ideia de que não somos natureza, de que estamos fora dela, livres para a dominar. Mas essa noção de liberdade – entendida como ausência de limites – é ilusória. A crise climática, os eventos extremos e a degradação ambiental mostram que explorar sem reconhecer a interdependência da teia da vida é, no limite,